

## **PUNK VEGANARQUISTA: HISTÓRIA E A PERSONAL CHOICE**

Rafael Trento Viccari<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Graduando do 3º ano de História da Universidade do Sagrado Coração, sob orientação dos professores Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa e Ms. Roger Marcelo Martins Gomes

### **RESUMO**

O presente artigo traz como propósito discutir o engajamento histórico dos participantes do movimento punk em políticas relacionadas ao veganismo, com ênfase no veganarquismo. Para tanto, surgimento e evolução do punk são brevemente analisados, bem como as filosofias anarquista e vegana. Começa, então, uma análise do caso brasileiro: mais especificamente a cena paulistana durante meados da década de 1990, através das produções musicais da banda Personal Choice, numa tentativa de identificar como a dinâmica entre punk e veganismo manifestara-se em suas letras, além de seu possível legado para o punk de hoje.

**Palavras-chave:** Punk. Veganismo. *Personal Choice*.

### **INTRODUÇÃO**

A primeira consideração básica em um trabalho envolvendo punks é que esta é essencialmente uma cultura antissocial. Nesse caso, isso significa o imperativo de uma resposta radical àquilo adotado como norma na sociedade; inclui quase que intrinsecamente o desvirtuamento dos sentidos originalmente pretendidos pelos grupos dominantes nas variadas esferas da sociedade a fim de lhes conferir uma característica peculiar compatível.

Adotar o nome punk para a cena<sup>1</sup> conforme ela se iniciava já fora em si um ato político. O termo teve sua origem no cotidiano dos presídios: a gíria designava (e continua até hoje, em alguns casos, a designar) homossexuais passivos e não tardou a ser empregada também como expressão “denunciadora” da delinquência juvenil. Abraçar essa negatividade foi a alternativa escolhida, mesmo porque, nessa camada nada homogênea de pessoas que se caracterizavam como punks, predominavam aquelas marginalizadas, por assim dizer, dentre as quais inclui-se homossexuais e uma multidão de jovens encarados como delinquentes (WEIDLACK, 2014, p. 41).

Precisar um marco específico para o surgimento do punk como um movimento em si – ou seja, um grupo de pessoas mais ou menos organizado dentro de um ideal, objetivo ou modo de agir em comum – é uma tarefa ingrata, pois a origem em questão remonta a diversos lugares e circunstâncias simultaneamente. Colocando sob o referencial de Barraclough (1964), entende-se que seria inviável e excessivamente ideológico cravar um único evento, uma vez que o que existe é a convergência de uma série deles. Apelar a fontes históricas mais tradicionais e de maior difusão midiática é também um procedimento a ser feito cautelosamente. Afinal, devido ao já citado caráter

---

<sup>1</sup> “Designa o ambiente em que estes [punks] circulam. Assim, a ‘cena’ é composta pelas casas onde acontecem shows, pelas lojas que vendem discos punks, pelas distros que distribuem material punk e, obviamente, pelos próprios punks (...)” (O’HARA, 2005, p. 185).

antissocial e à filosofia do “faça você mesmo” (aprofundar-se-á mais adiante) propagados no ambiente punk, tais fontes tendem a conter graves distorções e/ou serem simplesmente insuficientes a uma análise acurada. Por isso, estudos envolvendo tal cultura optam com certa frequência por basearem-se em fontes como as fanzines (revistas de bricolagem<sup>2</sup> características do meio punk) ou as músicas. Justamente punks falando do punk.

## DO PUNK AO POP-PUNK

Por hora, resta discorrer brevemente sobre as duas manifestações mais aceitas como fagulhas iniciais do movimento, em um contexto mundial: cronologicamente, mas ainda sem nomenclatura precisa, a primeira aparição de algo que pode ser entendido como punk se dá nos EUA, no começo da década de 1970. Um modo mais cru e simples de se fazer *rock'n'roll* delineava-se àquela altura, tanto em resposta ao enfado que para muitos dominara o rock (com músicas demoradas, sofisticadas demais para serem acessíveis, ou ainda uma atuação pouco inovadora), quanto, em nível mais amplo, opondo-se à expectativa comportamental conservadora que a sociedade de uma maneira geral nutria sobre a juventude.

Nesse sentido, a atitude de alguns músicos da época ganhava destaque por performances grotescas, chocantes, traduzidas em asco pelo público em geral. Este deboche finalmente tem sua explosão em 1974, na música dos Ramones. Levado ao Reino Unido através de um produtor, o exemplo dos conjuntos americanos tem seu potencial estético disruptivo acentuado e incorporado a uma agressividade atitudinal: era formado o Sex Pistols, em 1976. A banda trazia em sua atitude cólera inédita, que, longe de ser surda, encontra em solo britânico terreno ideal para ganhar visibilidade. A cultura do consumismo não tinha ali efeito sedativo tão vigoroso sobre a população como era de se presumir nos EUA, sendo quase evidente a iminência de um colapso social. Cada vez mais, jovens, membros da classe trabalhadora e pessoas comumente excluídas dos espaços sociais enxergavam no punk um meio para dar vazão a insatisfações, das cotidianas às existenciais.

Durante sua irrupção, porém, a mentalidade do movimento não era dotada de muita coesão política. “Eles eram punks, não ativistas sociais, e sua mensagem era desanimadora. A música dos Sex Pistols era uma explosão de ódio e desespero”, explica Henry (apud O’HARA, 1992, p. 32).

É com leve retardo, se consideradas as limitações do fluxo de informação há quarenta anos, que os primeiros brasileiros tomam conhecimento do movimento, por volta de 1976, 1977. Algumas poucas pessoas de certo privilégio financeiro tinham acesso aos primeiros discos punk estrangeiros em Brasília, onde começa a se desenhar uma cena inspirada neles (MOREIRA, 2006). Mais ou menos simultaneamente, os subúrbios da capital paulista vão ter acesso a esse universo por meio de um esforço coletivo que envolvia o primeiro grande ponto de encontro punk brasileiro – a loja Punk Rock, na Galeria do Rock, cujo dono viria a ser, inclusive, vocalista de uma das bandas deveras expressivas na cena, a Olho Seco.

O primeiro contato de muitas pessoas com a cultura punk fora através da mídia formal. Cabe, portanto, uma crítica. Existia nas revistas uma valorização da estética em detrimento do elemento musical e, mais consternadoramente, da revolta em seu

---

<sup>2</sup> Espécie de trabalho efetuado por pessoa não especializada, geralmente de maneira informal.

significado mais puro. É no mínimo impreciso afirmar categoricamente que essa descaracterização fosse fruto exclusivo de uma intencionalidade, uma vez que o traçar das linhas gerais do movimento estava ainda em curso. O questionamento, contudo, mantém-se oportuno porque o Brasil vivia tensão constante graças ao regime militar ao qual estava submetido, cuja censura era marca registrada, em uma intensa mobilização contra revolucionária (COGGIOLA, 2001).

Conforme a cultura punk se estabelece, seja a nível local ou mundial, o jornalismo passa a abordá-la de maneira desmoralizante: a postura de negação das pessoas envolvidas passa a ser interpretada como selvageria infundada. Decerto haviam nichos mal esclarecidos no punk cuja única preocupação era a desordem e a violência gratuita, mas a propaganda dos grandes meios de comunicação desempenhara papel crucial ao angariar pessoas em situação de vulnerabilidade que, deslumbradas com a possibilidade de uma válvula de escape – no caso, retrucando por meio de agressão física e vandalismo à violência estrutural – associaram-se ao movimento. Os dizeres atribuídos a J. Goebbels de que “uma mentira repetida muitas vezes passa a ser verdade” adquirem certo significado nesse contexto, mas não por muito tempo.

A década seguinte entendeu a urgência de uma reação punk frente a toda essa banalização: se no princípio o intuito era chocar, a filosofia da cena estende-se muito além. Enquanto os grandes meios de comunicação passavam a ideia do punk como um rebelde que busca individualidade, o objetivo real deste dentro de sua filosofia transforma-se na autonomia. Ambos os conceitos envolvem certo grau conhecimento pessoal e o exercício intelectual de situar-se na sociedade, mas o interesse fundamental não é criar uma cultura que reforce a marginalidade do punk na sociedade, mas, pelo contrário, criar uma reflexão sobre essa marginalidade, assim como um elo entre indivíduo e comunidade, na perspectiva de uma consciência coletiva.

Em meio a um ambiente mais politizado era natural a emergência de debates variados e, não obstante a solidariedade a causas referentes a grupos marginalizados (entenda o emprego do termo, aqui, como algo livre de conotação pejorativa) pelas mais variadas condições, têm origem uma série de vertentes do movimento. Às vezes, entretanto, estas também firmavam-se simplesmente por mudanças na direção artística e/ou musical. O próprio *hardcore*, iniciado nos anos 80, é mostra disso, pois permanece punk em sua essência ideológica, adotando como disfarce uma mudança nas atitudes que o cercavam para algo menos extravagante e adaptando a construção musical para uma versão mais veloz do punk, eventualmente apresentando traços mais melódicos ou importados do metal.

A influência da literatura existencialista na gênese da filosofia punk paulista (SUBVERSÃO, 2016), numa era concebida como pré-anarquista, e a elaboração dos primeiros zines brasileiros como forma de amalgamar os punks sob o discurso de “unir” e “conscientizar” (MILANI, 2015) são exemplos valiosos a serem considerados quando se fala em Brasil. O país não foge à regra de propagação independente e informal da cena.

A exposição do punk brasileiro na grande mídia, outrora já escassa, tem vertiginosa queda durante a década de 1990, tornando-se cada vez mais restrita aos meios de comunicação alternativos. O foco da cena, mais do que nunca, dirige-se ao *hardcore*, com notória influência estrangeira. A maioria das bandas dessa cena, em virtude disso, compunha em inglês. A periferia, por sua vez, devido a múltiplas ingerências, apresenta progressivamente uma condensação artística na cultura hip-hop, sem traçar, até hoje, caminho reverso ao punk e suas vertentes.

Em contrapartida, o fluxo nos grandes centros internacionais do punk toma uma direção que, à primeira impressão, parece até mesmo paradoxal. Como supracitado, a tendência era um movimento cada vez mais segmentado e com recorrente apelo melódico. Ferreira e Messagi Júnior (2016) revelam como temáticas cada vez mais recheadas de personalidade eram aliadas a ou mesmo tomavam o espaço de composições mais revoltosas, culminando com o advento do pop-punk: uma rebeldia controlada na forma de um empreendimento de sucesso. Ao final do milênio, as bandas estabelecidas nesse meio já demonstravam um esvaziamento político sintomático.

O underground, porém, resiste de forma contundente – talvez silenciada, mas nada silenciosa –, com diversos blocos abraçando a causa do “faça você mesmo” em resposta às seguidas investidas realizadas por grandes selos em busca de material comercializável. Essa década, por fim, tem relevância especial no cerne deste trabalho, graças à sua relação com a causa vegana no movimento – o que será retomado adiante.

Após a virada do século, o pop punk alcança seu apogeu nos EUA e sofre uma transfiguração terminológica manifesta de forma aguda no Brasil. O rótulo emo, inicialmente abreviatura para o *emotional hardcore*<sup>3</sup> americano praticado em fins dos anos 1990, passa a qualificar um estilo musical e comportamental drasticamente oposto ao original. No limiar da década seguinte, em consequência de um ambiente inevitavelmente saturado, o empreendimento se transforma novamente, atendendo agora a públicos reduzidos e mais excepcionais.

Em um arremate mais contemporâneo, canções como Atlas, do recém-separado grupo estadunidense Man Overboard, escancaram a falta de perspectiva que coloca uma parcela significativa dos entusiastas atuais da música (pop) punk em um estado de quase dormência, quanto a suas determinações políticas. Há, na canção supracitada, versos emblemáticos, como “I stare out of my window and I count the days Cause my life's so fucking pointless, I could talk and be nice or light up a joint Or go be a friend, but what is the point?”<sup>4</sup>.

A insatisfação é latente, todavia, não lhe é atribuído nenhum significado político que atravesse os limites de uma introspecção rasa: efeito claro do *mainstream* sobre a cultura punk – ou pelo menos a parcela dela que associara-se a uma conduta mais “polida” e amigável à cultura de massas.

A própria banda em questão é responsável por cunhar o slogan “Defend Pop-punk”<sup>5</sup> em uma gama de materiais promocionais<sup>6</sup>. É justa a defesa do gênero, mas o que este realmente tem defendido na prática? Discutivelmente, nem a si mesmos levam a sério (CRANE, 2014), o que, no entanto, não impede a extensão da cena em auge quase uniforme através das últimas duas décadas.

Logicamente, a atualidade também não é tão rasa quanto se pode interpretar. A banda The Wonder Years, um dos epicentros no pop punk atual, demonstra uma um

---

<sup>3</sup> O *emocore* surge como uma adaptação do *hardcore* que explora ao máximo a personalidade na composição e, digamos, suaviza suas melodias (O'HARA, 2005, p. 186), mantendo ainda o ritmo acelerado sem necessidade de um andamento lógico nas canções. A confusão, não só, mas especialmente no Brasil, acontece no momento em que o pop-punk chega aos holofotes, durante toda a década de 2000, e ganha o rótulo emo, não obstante já estivesse muito distante musicalmente desta cena, desde o estilo visual ao musical, passando até mesmo pela redução da profundidade e elaboração de seu conteúdo lírico.

<sup>4</sup> Tradução do autor: “Eu olho pela janela e eu conto os dias / Porque minha vida é sem sentido para caralho / Eu poderia conversar e ser gentil, ou acender um baseado / Ou ser um amigo, mas qual o sentido?”

<sup>5</sup> “Defenda o pop punk”, em tradução literal. O slogan é frequentemente estilizado junto à imagem da silhueta de uma AK-47, em tom jocoso.

<sup>6</sup> O famigerado “merch”, que inclui camisetas, moletons, bandeiras, adesivos, chaveiros etc.

padrão de composição maduro e consistente. *Stained Glass Ceilings* é um dos exemplos mais recentes na discografia da banda, música na qual abordam problemas sociais<sup>7</sup>. Existem ainda outros temas similares recorrentes nas letras da banda, como a vida nos subúrbios e crítica à busca do *American Dream* – o famoso ideal de vida americano.

A tônica do pop punk, no entanto, permanece, de modo geral, atrelada ao que se construiu nos anos 90: temas suaves e/ou melodias facilmente cativantes, a velocidade e simplicidade características do punk “ortodoxo”, em clima não necessariamente de satisfação, mas tampouco de seriedade. Muito devido aos interesses comerciais que ainda permeiam o universo das gravadoras, apesar de tentativas de zelo pelo espírito do “faça você mesmo”. Como demonstrado em mais de uma ocasião (O'HARA, 1992; PUNK'S, 2007), o FVM<sup>8</sup> foi um dos elementos essenciais desde o surgimento do movimento, fundamental também à subsistência do punk em sua forma mais íntegra nos seus períodos mais obscuros, quando os meios midiáticos não enxergavam potencial de comercialização sobre ele. Consiste, basicamente, na autonomia tanto do artista quanto da comunidade em promover a cena, através da panfletagem, produção de discos, prensa de fanzines, agendamento e divulgação de shows, para citar apenas algumas das principais atividades realizadas. Tudo isso, evidentemente, de forma caseira e informal, com baixos orçamentos e sem o intuito de se obter lucros. Mais importante, sem se prender a contratos com grandes gravadoras (quando muito, associavam-se a selos independentes nascidos naquele ambiente).

Uma rápida investigação histórica nas décadas finais do século passado é capaz de elencar diversos episódios em que a música punk funcionara como uma espécie de pano de fundo artístico para uma atuação política mais profunda. Desde o *anarcopunk*, passando pelo *queercore*<sup>9</sup> até o *riot girrrl*<sup>10</sup>, a lista se estende. Isto não significa que o fazer musical visando pura e simplesmente criar entretenimento - ou mesmo a música como negócio - não tenha valor próprio em si. Ir além muitas vezes, nem é o objetivo dos conjuntos musicais, como fica evidente na fala da banda britânica Neck Deep, em entrevista ao site da revista Impericon: “People often say that our sound is ‘generic’ or ‘nothing new’. It makes me laugh because we’re not trying to do anything new. We’re not reinventing the wheel, just playing pop punk. (...) we figured we should stick it [GENERIC POP PUNK] on some merch” (MARCEL, 2015).<sup>11</sup>

Não pretendamos, em função da discussão que este trabalho empenhara até o momento, exercer juízo de valor sobre as ocasiões em que o punk e suas subdivisões deixaram de revelar engajamento político ou que o aspecto de contracultura fora atenuado. O objetivo aqui fundamentado é, em vez disso, enfatizar como a música punk conserva sua eficácia para constituir veículo de transformação pessoal e social. Isso será notadamente demonstrado através de certos episódios históricos na cena associados ao veganismo, em virtude do recente crescimento em relevância dessa questão nas sociedades contemporâneas – brasileira inclusive – a qual, longe de ser uma novidade,

---

<sup>7</sup> Versos como “That kid that pulled the trigger / Knew tomorrow couldn't promise him hope” (tradução do autor: “Aquele criança que puxou o gatilho / Sabia que o amanhã não poderia lhe prometer esperanças”) são amostra precisa dessa abordagem.

<sup>8</sup> Sigla para o “faça você mesmo”, também utilizada na versão traduzida para o inglês, “DIY” (*do it yourself*).

<sup>9</sup> Vertente voltada para os movimentos queer, gay e similares, dentro do movimento punk.

<sup>10</sup> Abordagem feminista – geralmente radical – no movimento punk, que ganha destaques na década de 1990.

<sup>11</sup> Tradução do autor: “As pessoas costumam dizer que nosso som é ‘genérico’ ou ‘mais do mesmo’. Isso me faz rir, porque nós não estamos tentando fazer nada novo. Nós não estamos reinventando a roda, apenas tocando pop punk. (...) nós percebemos que devíamos estampar isso [POP PUNK GENÉRICO] em alguns dos nossos materiais promocionais”.



parece hoje estar em vias de superar o processo de estranhamento e ridicularização para ganhar espaço no debate público e mesmo reconhecimento do mercado.

## VEGANARQUISMO

Conceito denominador desta seção, o veganarquismo (também referido frequentemente como anarcoveganismo) reúne em si as noções de veganismo e anarquismo como complementares. Entendê-las separadamente, num primeiro momento, será o esforço aqui desprendido no intuito de compreender tal interseção.

Anarquismo pode ser explicado como um ataque constante e visceral aos aparatos de poder e suas formas de execução perante um ou mais indivíduos na sociedade. Situando-se frente às estruturas sociais contemporâneas, combate historicamente, por consequência, o capitalismo (DOMINIK, 2002). Este perpetua o espírito de competição inerente a ele, pressupondo níveis de hierarquia baseados em mérito – valor incalculável objetivamente, que serve de motor para transformar os sujeitos em objeto mercadológico a serviço do grande capital – de onde surge um utilitarismo severo que conflita diretamente com a dignidade atribuída ao ser humano na perspectiva anarquista, sequelando também os espaços em que está inserido.

Sem embargo, o confronto ideológico anarquista sucede em vista de qualquer sistema baseado em relações autoritárias, materializado ou não na forma de um Estado, porque, por mais sutil que seja, toda representatividade, delegação de poder ou a tomada deste à força não falharão em conduzir os envolvidos a um modelo opressivo de interação. Assim, a própria ideia de liderança inexiste no rol de suas aspirações.

Evidente que a teoria anarquista não é historicamente homogênea, até porque se propõe a fazer basicamente o contrário disso: atravessa graus de complexidade profundos variados quanto a suas propostas, já que esta varia conforme a consciência particular de cada um. É esse o objetivo: que o poder emane dos indivíduos, e não de uma quimera uníssona convencionada na noção de povo, ou de um representante (WOODCOCK, 2007). Liberdade e espontaneidade são, portanto, características identificadas de maneira similar tanto nas bases do anarquismo quanto do punk. A emancipação pretendida por ambos materializa-se, *verbi gratia*, na troca constante entre membros e comunidade que os métodos de “faça você mesmo” dispostos na cena propicia.

Dispensado será dizer que nem todo punk é anarquista, e vice-versa. Independente disso, se o punk nasce antissocial, no âmago da marginalização, a via para a destruição das normas dominantes e organização de uma sociedade radicalmente libertária que a prática anarquista oferece comumente torna-se irresistível aos punks.

Fica óbvio, a esta altura, que juízos de valor sobre outrem não preservam fundamento nestas filosofias, pois levariam engenhosamente a mecanismos de exclusão e domínio alheio que não apenas prejudicam o convívio social, gerando uma carga emocional igualmente prejudicial ao sujeito-alvo. Os exemplos vão desde a homofobia (intimamente ligada à cunhagem do termo punk) até o especismo, cerne da crítica veganista.

Veganista, aliás, é como se define a atuação pelo viés do veganismo, a qual se aplica a uma postura radical de encontro com aquela recém-discutida. Argolo (2008) aponta que, surgido no Reino Unido durante o século XIX, o termo vegan tem sido adotado de maneira cada vez mais restrita. Enquanto a autora utiliza “vegano” e “vegetariano estrito” como sinônimos – ambos rejeitando qualquer consumo de proteína animal –, Dominik (2002), os distingue, pois compreende a opção por não comer carne

como dotada de um sentido político além da dieta. Para ele, o vegano rejeita todo alimento ou produto de origem animal porque percebe na sua produção um meio expresso de explorar outras criaturas sensíveis.

Vale nota que vegetarianismo, semi-vegetarianismo e outras opções alimentares que excluem a carne e derivados animais em maior ou menor grau têm sua razão de ser em questões como religião ou saúde, sendo pouco ligadas, portanto, ao punk. Este, por sua vez, possui vasta gama de políticas relacionadas à dieta, já que sua cozinha visa à comida “livre de marcas, preparação [ultraprocessamento], pesticidas e exploração de trabalho” (CLARK, 2004, p. 13). Não obstante, o veganismo é a principal delas. O problema é que, tanto dentro do anarquismo quanto do punk, a pauta veganista ainda é vista como secundária, e, como observara Dominik (2002, p. 21), “a capacidade para ignorar alguma forma de opressão é a capacidade para ignorar todas as formas de opressão”.

Resgatar a experiência histórica vegana no movimento punk quer dizer sustentar aberto um leque de alternativas artísticas para a atuação política e compreensão de natureza e sociedade, quiçá promovendo a sua contínua renovação, como espelho do próprio ideal social anarquista.

## VERTENTES VEGETARIANAS DO PUNK

É possível afirmar que as temáticas vegetarianas e veganas passam a transitar de maneira sólida sobre as bases do movimento punk somente a partir de meados da década de 1980, com maior intensidade já no fim dela. Bayard (2005, p. 15 -16) observa que, até então, “os vegetarianos eram hippies e não punks”.

Falar em grau de importância seria estabelecer hierarquia, o que nada tem de punk, muito pelo contrário. Então esta é uma escolha totalmente arbitrária a título de exemplo de algumas bandas que atuaram durante um período razoável e atingiram certo grau de repercussão. De fato – e Weidlack (2014, p. 30) faz observação similar ao tratar das bandas do punk *queer-feminista* – além de suas existências curtas, o enraizamento a localidades muito específicas intrinca que a maioria das bandas adquira maior visibilidade ou documentação e deixe o anonimato para além de seu nicho.

Associação imediata em se tratando do vegetarianismo no punk, o *straight edge* surge sem o intuito de um movimento por trás. Emerge da reflexão que muitos começam a ter sobre a letra da música que mais tarde daria nome a tal vertente, da banda Minor Threat (HAENFLER, 2006), a qual foi apelativa o suficiente para a abstenção de droga e quaisquer atividades virtualmente tóxicas para o corpo e a mente humanos constituir senso comum em determinados círculos de pessoas ligadas à cena punk e avessas ao hedonismo então corrente nela. O vegetarianismo, para muitas pessoas, fazia parte dessa mentalidade, fosse pela impureza subjetiva do ato de alimentar-se de cadáveres ou por uma consciência ambiental incutida.

Assim, os *edgers* lideram indiretamente o veganismo no meio punk durante os anos 1990 (CLARK, 2004). Naturalmente, as pessoas tomaram diferentes direções dele conforme o passar de suas “eras”, ao ponto de uma tônica religiosa, inclusive, por mais antagônico que soe, irromper na cena no discurso *krishnacore*<sup>12</sup> de bandas como o Youth of Today (HAENFLER, 2006, p. 15).

---

<sup>12</sup> Vertente do *hardcore* para a qual migraram bandas do meio *straight edge*, a qual incorporava à música elementos da filosofia oriental Hare Krishna, condizente com a abstenção que tange aos *edgers*.

Paralelamente ao *straight edge* havia também outras bandas e pessoas que compartilhavam a mesma conduta vegetariana. “Conduta”, utilizado em vez de “filosofia” ou palavra mais incisiva em termos de pensamento, porque as motivações de grupos *anarcopunks* e outros próximos ou similares, por exemplo, têm raízes bastante distintas se comparadas às do *edgers*, e buscam até mesmo distanciarem-se desse rótulo. Uma crítica comum à cena é que frequentemente o propósito inicial de sobriedade para uma ação direta consciente era deturpado sob um ângulo higienista que tendia ao conservadorismo e exclusão dentro de um movimento que deveria ser inclusivo e coeso. Woodcock (2007) atesta que o contraponto entre o bucólico e o revolucionário encontra espaço no debate anarquista, tensão de certa forma aqui espelhada.

A banda britânica Crass, por sua vez, é talvez o exemplo mais preciso, no meio punk, de uma ação radical bem planejada, na qual sua música era uma resposta artística simultaneamente pacífica e agressiva às circunstâncias críticas vividas no Reino Unido durante meados das décadas de 1970 e 1980. Na análise de Robb (GUARDIAN, 2009): [...] eles foram ativos em promover pacifismo, vegetarianismo, vida em comunidade e esperança em meio ao colapso do punk rock. Enquanto outros pichavam ‘anarquia’ na parede, a Crass estava pacientemente explicando o que aquele termo significava e como ele poderia funcionar.

Ainda na cena *anarcopunk* e diretamente influenciados pela Crass (tanto musical como ideologicamente), surge o *crust punk*. Amebix e Antisect fundam uma ramificação mais “suja”, que mesclara fortemente elementos do metal às músicas (KEGAN, 2015). Suas letras mantêm igualmente um legado de engajamento político, apesar de todo o niilismo que as perpassa – os direitos animais continuam sendo um assunto frequente.

O entusiasmo que a Crass criara em meio ao caos pode ser percebido mesmo em atividades paralelas dentro da cena, tais quais a criação de distribuidoras e fanzines como a Hippycore, cujos co-autores chegaram a declarar abertamente tal influência (TUNGA TUNGA, 1990). Além disso, sua *krew*<sup>13</sup> publicara mais adiante dois volumes da coletânea culinária vegana Soy Not Oi.

## A PERSONAL CHOICE

Ao transpormos a temática vegana para a realidade do movimento punk brasileiro, sua aparição não é tão explícita. Na década de 1980 delimitara -se uma cena *straight edge* paulistana, cuja circulação de ideias naturalmente inclui em maior ou menor grau também o vegetarianismo. O foco principal, contudo, ainda era a recusa ao uso de entorpecentes. Somente na primeira metade da década seguinte forma-se a primeira banda nacional que viria a abastecer suas canções com um conteúdo lírico em nítida defesa do veganismo (RIBEIRO, 2017).

Concebida em 1992, essa precursora fora a Personal Choice, cuja carreira tem sua gênese num *hardcore* de sonoridade relativamente comum às demais produções nacionais do gênero na época (o que nos anos finais da banda é reorientado para o *emocore*, em seu sentido mais puro). Durante sua curta existência, lançaram dois álbuns, um EP e uma coletânea, até sua dissolução em 1996. Nesse mesmo ano gravaram também novo álbum, que seria, todavia, publicado somente em 2017, em formato exclusivamente digital. Para os fins deste trabalho, serão analisadas as letras de três músicas do período de atividade do grupo: Not Alone, Vegan Choice e Trust Yourself.

---

<sup>13</sup> Forma estilizada da palavra *crew* (equipe, em inglês), pelo qual o grupo ambientalista chamava a si próprio.



Antes do primeiro contato sonoro em si, é possível destacar detalhes artísticos no encarte da fita cassete em que fora gravado o álbum *Mutual Respect* que remetem diretamente à cultura *straight edge*, no seio da qual irrompera a *Personal Choice*.

A capa/frente (figura 1) traz o desenho de dois braços cruzados, no formato de um xis, ambos os quais tem em sua mão essa mesma letra desenhada. Marca registrada dos *edgers*, que passam a adotar a prática de pintar o xis com pincéis atômicos em suas mãos como identificação de sua abstinência e participação radical no movimento (HAENFLER, 2006). Tais braços têm como pano de fundo, hasteada sobre uma guitarra, uma bandeira negra, característica de grupos anarquistas.

Ainda na figura 1, no lado que corresponde ao que seria o verso do cassete, é perceptível o primeiro indício diretamente a favor do veganismo na obra: no canto inferior esquerdo há o desenho de um homem abraçado junto a um suíno e a um bovino, a partir do qual pode ser traçada uma mensagem abolicionista<sup>14</sup> de harmonia entre as espécies. Também existe (canto superior direito) uma espécie de selo que é inequívoco exemplo de apropriação cultural sarcástica, estratégia típica de expressão punk. Nele, os dizeres “D.I.Y. NOT E.M.I.”<sup>15</sup>, em referência à gravação independente do álbum, no estilo “faça você mesmo”.

Outras causas viscerais da ideologia anarquista são ilustradas ao longo do encarte, a exemplo do combate ao racismo (figura 2) e ao fascismo (figura 3). Nota-se também nesta última figura a reincidência de símbolos *straight edge*, numa alusão ao grupo SELF<sup>16</sup>, com o qual parte da cena anarquista e punk envolvida com a banda mantinha laços.

Uma última ressalva antes de examinarmos as músicas na forma crua de suas letras é a de como estas requerem uma atenção redobrada do ouvinte: a tônica rápida e agressiva do estilo são indícios de um “ataque lírico”, o qual, porém, só é mensurado com exatidão em vista daquilo cantado pelos vocais grosseiros do conjunto, cuja compreensão é tarefa especialmente árdua. A começar por *Not Alone*, faixa inaugural de seu *debut album*<sup>17</sup>, o supracitado *Mutual Respect*:

You're not alone in the world!  
You're not alone  
Just look around  
The world is not only for you

Can you see my eyes? Look, my tears are red again  
The reason I'm crying is something easy to understand  
I feel so much shame of live together with people like you  
You call yourself superior but I just can see rivers of blood

Can you look at a mirror?  
Can you face the monster that you are?  
You have a cold look of murder killing for profit, just for cash  
You torture my brothers and feel pleasure with blood in your mouth  
At your laboratories you make them dead with your chemicals

<sup>14</sup> Corrente de pensamento ligada ao veganismo que condena a ideia da possibilidade de tratamento ético dos animais para consumo, considerando toda utilização destes uma forma de abuso. Lutam basicamente pelo fim desse tipo de relação abusiva, injustificáveis, para eles, mesmo que sob um prisma de vantagens ao ser humano.

<sup>15</sup> “FVM [faça você mesmo], não a EMI [à época, uma das grandes gravadoras multinacionais]”.

<sup>16</sup> Sigla para “Straight Edge Liberty Federation [federação libertária *straight edge*]”; ou ainda “Straight Edge Life Frame [estrutura de vida *straight edge*]” (VICE, 2010).

<sup>17</sup> Álbum de estreia.

This is not fare!  
Now listen to something...

Humans are not alone in the world  
Humans proves no use of their brains  
Animals don't born for your control  
Animals are waiting for revenge

You're not alone in the world!  
Those small eyes have feelings too  
You're not alone in the world!  
A life is a life, your blood is my blood  
You're not alone in the world!  
Your murder instinct makes me cry  
You're not alone in the world!  
Stop your bloody steps of crime.<sup>18</sup>

Uma composição a princípio genérica, de semblante anti imperialista, têm reveladas nos quatro últimos versos da terceira estrofe duas críticas particulares ao veganismo. Primeiro, ao consumo pela simples satisfação ao paladar e, segundo (e que continua a ser desenvolvida na quinta estrofe), ao desenvolvimento científico a partir da exploração de genes e cobaias animais – mostra de como o ser humano tende a se considerar um objeto à parte ou mesmo acima da natureza (O'HARA, 2005). A estrofe final suscita ainda a ideia igualmente abolicionista das capacidades sentimentais das outras espécies, caracterizando, segundo o autor da canção e apesar da legislação, um ato criminoso.

Ademais, cabe observar uma dinâmica recorrente na cena que em partes acontece nesse caso. Wiedlack (2015, p. 41) assinala que o punk se serve de estratégias linguísticas cuja retórica envolve insultos e a rejeição. Sem denotar, contudo, obscenidade, os versos da segunda e terceira estrofes deliberam uma linguagem discutivelmente extrema. Aliada a isso, a rejeição é outro fator progressivo na letra.

Próxima canção da lista aqui proposta, Vegan Choice é inclusa como faixa de abertura em todos os lançamentos subseqüentes da Personal Choice até o encerramento de suas atividades<sup>19</sup>, com menos de meio minuto de duração e uma mensagem tão direta quanto possível:

---

<sup>18</sup> Tradução do autor: “Você não está sozinho no mundo! / Você não está sozinho / Apenas olhe ao seu redor / O mundo não é só para você / Você pode ver meus olhos? / Olhe, minhas lágrimas estão vermelhas novamente / A razão pela qual estou chorando / é algo fácil de entender / Eu sinto muita vergonha / de viver junto a pessoas como você / Você se diz superior / maseusó consigo verrios de sangue / Você consegue olhar pro espelho? / Você consegue encarar o monstro que você é? / Você tem um olhar gelado de assassinato / matando por lucro, só por grana / Você tortura meus irmãos / e sente prazer com sangue em sua boca / Em seus laboratórios / você os mata com seus químicos / Isso não é justo / Agora ouça algo... / Humanos não estão sozinhos no mundo / Humanos provam o desuso de seus cérebros / Animais não nascem para o seu controle / Animais estão esperando por vingança / Você não está sozinho no mundo! / Aqueles olhos pequenos também têm sentimentos / Você não está sozinho no mundo! / Uma vida é uma vida, seu sangue é meu sangue / Você não está sozinho no mundo! / Seu instinto assassino me faz chorar / Você não está sozinho no mundo! / Pare seus passos sangrentos de crime”.

<sup>19</sup> A saber: o EP Raise Your Head, de 1994; a coletânea Days of Trust, de 1996; e o CD em parceria com a banda francesa Rawness, Rawness/Personal Choice, de 1995, cuja segunda metade contém as músicas dos brasileiros, a começar pela faixa número 9, Vegan Choice. Na capa deste último (figura 4), inclusive, há uma caricatura fiel ao estereótipo *straight edge* da época: cabelos raspados quase totalmente, físico musculoso, feição séria, indumentária simples e esportiva – ou seja, a rigidez enaltecida – além do famigerado xis pintado nas mãos. O álbum Choices, lançado após o término da banda, não apresenta a faixa Not Alone.

It's not for health It's not for fashion  
The vegan choice is an ethical question It's not right to kill to survive  
This cruelty must stop... right now!

Make a personal vegan choice  
Respect life and living beings  
Make a personal vegan choice Help to start a new humanity Right now!<sup>20</sup>

Dos primeiros versos aufere-se uma rejeição veemente ao vegetarianismo liberal, uma vez que saúde e o aspecto visual assumem nada mais que a condição de consequência da “escolha vegana”. A canção partilha da ideia de que a real motivação para essa escolha deve estar relacionada ao o combate ao especismo<sup>21</sup>.

Outra linha a ser traçada, a partir, agora, da segunda estrofe, diz respeito à ênfase com que o termo *personal*<sup>22</sup> é encaixado. Alusão clara ao nome da banda e, nesse contexto, principalmente ao apelo anarquista para que se assuma responsabilidade pelos supostos efeitos que as escolhas pessoais surtem – sem escapatória entre a parcialidade do antes e as consequências do depois. Pensamento esse que vai de encontro, por exemplo, ao de Dominik (2002, p. 5), quando este afirma que “a mudança social deve ser acompanhada de uma compreensão, não apenas das relações sociais, mas também das relações entre o ser humano e a natureza”.

Os lançamentos do grupo entre os álbuns *Mutual Respect* e *Choices*, na verdade, exibem uma sequência de músicas em comum, na qual *Trust Yourself* é sempre reproduzida imediatamente após a faixa *Vegan Choice*. Apesar de mantida a brevidade, o incremento de um minuto na extensão permitiu maior elaboração lírica. A despeito disso, nos limitaremos a verificar apenas os trechos referentes à segunda e à última estrofe da composição, sob a justificativa de evitar redundâncias no bojo desta argumentação. São, dessa forma, os que seguem:

This world is not for me  
I'm looking for my world  
I don't give up and  
I do my best to take control of my life (...)  
Stay alive – be in the scene  
And do the best that you can  
Stay alert – don't close your eyes  
Keep your body and mind straight<sup>23</sup>

Em complemento aos ideais de emancipação anteriormente apresentados, esta canção possui um atributo específico, que diz muito sobre o posicionamento da banda àquela altura. Enquanto prescinde de uma referência aberta ao veganismo, esta se perfaz na menção ao movimento *straight edge*, seja sutilmente, como nos versos sobre tomar

---

<sup>20</sup> Tradução do autor: “Não é por saúde / Não é por moda / A escolha vegana / é uma questão ética / Não é certo / matar para sobreviver / Essa crueldade deve parar... agora mesmo! / Faça uma escolha pessoal vegana / Respeite a vida e os seres vivos / Faça uma escolha pessoal vegana / Ajude a começar uma nova humanidade / Agora mesmo!”.

<sup>21</sup> Forma de opressão que se manifesta a partir do momento em que, entre espécies diferentes, essa diferença é utilizada como justificativa para que uma subjulgue a outra.

<sup>22</sup> Pessoal, em tradução literal.

<sup>23</sup> Tradução do autor: “Esse mundo não é para mim / Estou procurando meu mundo / Eu não desisto e / Eu faço meu melhor para tomar controle de minha vida / (...) Fique vivo – esteja na cena / E faça o melhor que puder / Fique alerta – não feche seus olhos / Mantenha seu corpo e mente diretos”.

controle<sup>24</sup> de sua vida e manter-se alerta, ou explicitamente, como no verso final.

A temática vegana prolifera-se por muitas outras músicas da banda. O vinil do EP *Raise Your Head* (figura 5), inclusive, ilustra essa reincidência: nele, os lados A e B são divididos sob as nomenclaturas “VEGAN SIDE” e “POWER SIDE”, o que significa, somente nesse lançamento, uma contagem ampliada em cinco músicas. Similarmente, o *straight edge* reaparece, ligado ou não ao veganismo, como na faixa *Strenght*, presente no *split*<sup>25</sup> *Monday Isn't A Bad Day At All*, de 1996.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um plano geral, é razoável concluir que o veganismo costuma dispor de um crivo mais voltado para fins sociais, enquanto o *straight edge* volta-se ao pessoal. Ambos os objetivos, porém, emaranham-se para dar forma ao que era a *Personal Choice*, muito em função do ambiente com elevado grau de politização e inspiração anarquista em que esta fora formada.

Pomer (2003, p. 78) considera que, historicamente, abundantes são as situações em que certas ideologias “por mais justas e bem intencionadas que possam ser, encontram-se tão distantes da consciência popular que esta acaba por rechaçá-las ou menosprezá-las”. Esse afastamento entre prática e teoria ocorrera também no microcosmo *straight edge* da qual a banda participava, e foi um dos motivos para sua dissolução.

Motivo insuficiente, contudo, para que a história deixe de desfrutar de tentativas correlatas à da *Personal Choice*. A título de exemplo, a *Positive Youth* é uma banda *straight edge* brasileira da década de 2010 que aborda temas como o abuso animal e obteve relativa expressão em seu perímetro de atividade – apesar dos obstáculos para segmentos musicais independentes permanecerem atuando, num país onde a rentabilidade desse tipo de empreendimento é, via de regra, nula. A internet foi um dos veículos encontrados pela cena underground brasileira para manter-se atual, por meio de fóruns, organização de festivais e programas de rádio e compartilhamento de áudio (do qual participa, inclusive, a *Personal Choice*, com o enfim lançado do álbum *Choices*).

A efemeridade potencial dessas mídias virtuais é um problema a se refletir, mas seu significado de destaque está em como elas podem ser um caminho até experiências musicais singulares historicamente, como a *Personal Choice*. Nesse panorama, a música seria facilitadora para a transposição do óbvio a fim de uma mudança na realidade social observada pelo ouvinte – nesse caso, através do veganismo.

## VEGANARCHIST PUNK: HISTORY AND PERSONAL CHOICE

### ABSTRACT

This study aims to discuss the historical commitment of the participants of the punk movement in veganism-related policies, with an emphasis on veganarchism. Thus, the emergence and evolution of punk are briefly analyzed, as well as the anarchist and vegan philosophies. So, there is an analysis of the Brazilian case: more specifically, the scene from

<sup>24</sup> É coerente assumir que, nesse cenário, o sentido de “controle” bebe muito do ideal de sobriedade na tomada de decisões pelo qual se preza dentro da cena *straight edge*.

<sup>25</sup> Estilo de gravação colaborativa que combinava duas ou mais bandas em um mesmo álbum ou semelhante.

Sao Paulo during the mid-1990s through the musical productions of the band Personal Choice in an attempt to identify how the dynamic between punk and veganism had occurred in its lyrics, besides its possible legacy for today's punk.

**Keywords:** Punk; Veganism; *Personal Choice*.

## REFERÊNCIAS

ARGOLO, T. C. **Veganismo como Desobediência Civil**. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2008.

BARRACLOUGH, G. Natureza da História Contemporânea. In: **Introdução à História Contemporânea**.

BAYARD, M. Introdução. In: O'HARA, C. **A filosofia do punk**: mais do que barulho. São Paulo: Radical Livros, 2005. p. 13-18.

CIAMPONE, L. et al. **Subversão em Movimento**: A História do Punk em SP. Brasil: 2016, 30 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iwnwYDJazuo>>. Acesso em: 12 abr 2017.

CLARK, D. **The Raw and the Rotten**: Punk Cuisine. University of Colorado-Boulder, *Ethnology*, vol. 43, p. 19-31, 2004.

COGGIOLA, O. **Governos militares na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2001.

CRANE, M. 10 Ways To Defend Pop-Punk. **Alternative Press**, EUA, 16 out 2014. Features. Disponível em: <[https://www.altpress.com/features/entry/10\\_ways\\_to\\_defend\\_pop\\_punk](https://www.altpress.com/features/entry/10_ways_to_defend_pop_punk)>. Acesso em: 27 out 2017.

DOMINIK, B. A. **Libertação Animal e Revolução Social**: uma perspectiva vegana do anarquismo ou uma perspectiva anarquista do veganismo. Braga: Discórdia edições, nov 2002.

FERREIRA, G. C.; MESSAGI JÚNIOR, M. **Pop Punk**: Quando o punk rock assumiu o mainstream. In: INTERCOM SUL, Curitiba, 26-28 maio 2016.

HAENFLER, R. **Straight Edge**: Clean-living Youth, Hardcore Punk, and Social Change. EUA: Rutgers University Press, 2006. p. 1-21.

KEGAN, Y. Crust punk. In: \_\_\_\_\_. **Subgenres of the Beast**: A Heavy Metal Guide. [S.l.]: Lulu.com, 2015. p. 99-103.

MALERONKA, A. Nenê Altro – o rei do punk. **Vice**, 4 mar 2010. Disponível em: <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/nzjwvm/nene-altro-o-rei-do-punk](https://www.vice.com/pt_br/article/nzjwvm/nene-altro-o-rei-do-punk)>. Acesso em: 9 nov 2017.



MARCEL. Neck Deep Interview: “We’re not reinventing the wheel, just playing pop punk”. **Impericon**, 7 maio 2015. Disponível em: <<https://www.impericon-mag.com/en/neck-deep-interview-were-not-reinventing-the-wheel-just-playing-pop-punk/>>. Acesso em: 15 maio 2017.

MILANI, M. A. Uma Leitura vertiginosa: **Os Fanzines punks no Brasil e o discurso da união e conscientização (1981 – 1995)**. 2015. f 137. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

MOREIRA, G. **Botinada**, a origem do punk no Brasil. São Paulo: ST2 Music, 2006, 75 min.

NACONECY, C. **Ética & Vegetarianismo**. 1ª ed. [São Paulo]: Sociedade Vegetariana Brasileira, 2015.

O’HARA, C. **A filosofia do punk**: mais do que barulho. São Paulo: Radical Livros, 2005.

POMER, L. Os limites da unificação italiana. In: MARQUES, A. **História Contemporânea através de textos**. São Paulo: Contexto. 2003. 10 ed. Coleção Textos e Documentos: v. 5. p. 77-78.

RIBEIRO, E. O Personal Choice fez o primeiro disco emo do Brasil. **Noisey**, 10 abr 2017. Disponível em: <[https://noisey.vice.com/pt\\_br/article/personal-choice-primeiro-disco-emo-do-brasil](https://noisey.vice.com/pt_br/article/personal-choice-primeiro-disco-emo-do-brasil)>. Acesso em: 10 abr 2017.

ROBB, J. Could Crass exist today? **The Guardian**, Reino Unido, 8 jul 2009. Pop and rock/Music blog. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/music/musicblog/2009/jul/08/crass-punk-band-anarchy>>. Acesso em: 26 out 2017.

**SVB – Sociedade Vegetariana Brasileira**, Mercado vegetariano. Disponível em: <<https://www.svb.org.br/vegetarianismo1/mercado-vegetariano>>. Acesso em 24 out 2017.

WIEDLACK, M. K. **Queer-Feminist Punk: An Anti-Social History**. Vienna: Zaglossus e. U., 2015.

WOODCOCK, G. Prólogo. In: \_\_\_\_\_. **História das idéias e movimentos anarquistas – vol.1: A idéia**. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 7-37.

## FONTES

Man Overboard. Atlas. In: **Man Overboard**. EUA: Rise Records, 2011. Faixa 12 (2 min 35). Personal Choice. **Days of Trust**. São Paulo: Teenager In A Box, 1996. CD,

coletânea.

Personal Choice. **Mutual Respect** – Demo Tape ‘94. São Paulo: Estúdio Móvel, 1994. Cassete, lado único.

Personal Choice. **Raise Your Head**. São Paulo: Riot Records, 1994. Vinyl, 7", EP, 33 ½ RPM, edição limitada.

Rawness, Personal Choice. **Rawness / Personal Choice**. França: Boislève, 1995. CD, álbum.

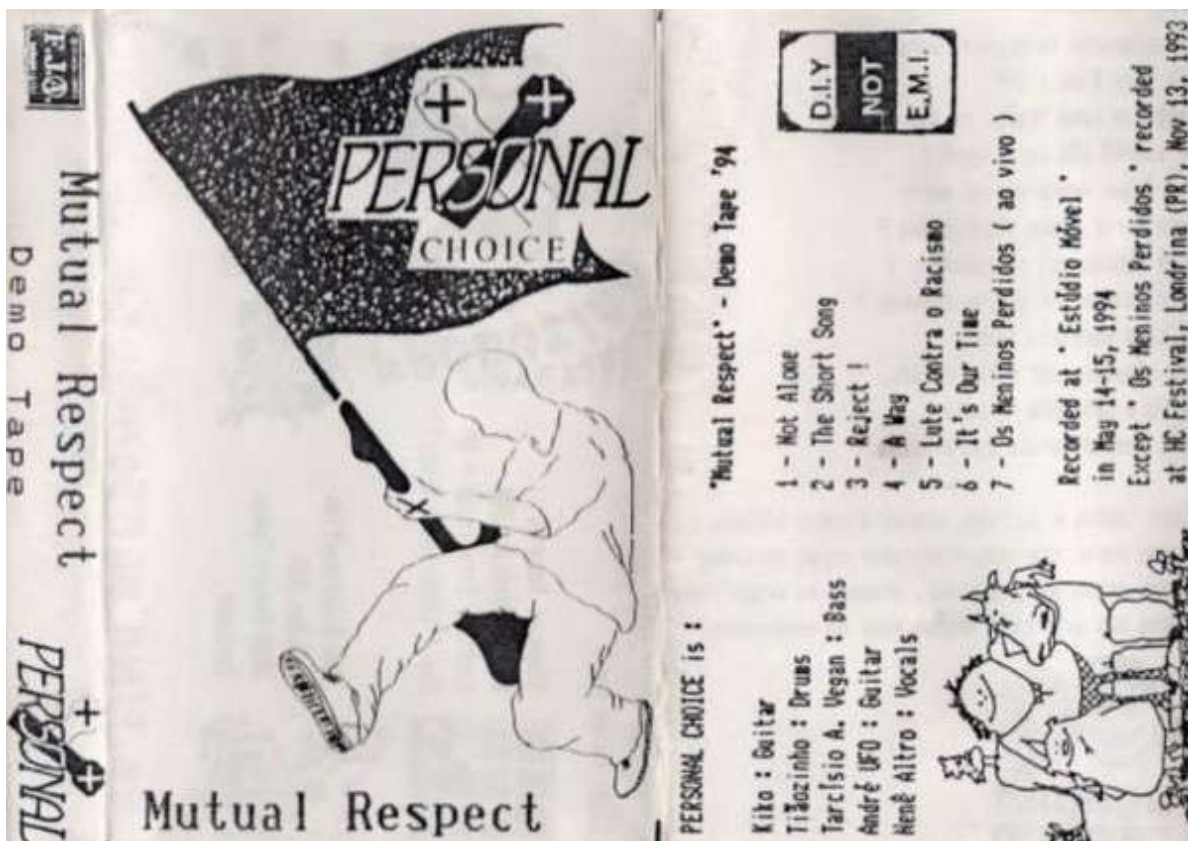
Personal Choice. Strenght. In: **Monday Isn't A Bad Day At All**. São Paulo: Nenê Altro, 1996. Faixa 19 (3 min 16).

The Wonder Years. Stained Glass Ceilings. In: **No Closer To Heaven**. EUA: Hopeless Records, 2015. Faixa 9 (4 min 45).

TUNGA TUNGA. Fanzine. **Mississauga**, V. 6, 1990. Disponível em:

<<https://brobtiltzineworld.wordpress.com/2013/08/24/hippycores-jack-joel-tunga-tunga-6/>>. Acesso em: 26 out. 2017.

ANEXO A – FIGURA 1



ANEXO B – FIGURA 2

E os grupos de brancos burgueses,  
 Ku Klux Klan e TFP,  
 pegaram seus irmãos em sua frente  
 e amanhã vão pegar você !  
 Será que nunca vai se mover  
 pra parar essas atrocidades ?  
 Até quando vai se esconder ?  
 Até quando vai ser um covarde ?  
 E caso você não saiba,  
 és cúmplice por ficar calado,  
 pois a sua boca fechada  
 é o que te mantém escravizado

Lute contra o racismo, una-se a nossa batalha  
 Vamos parar com isso e derrubar essas muralhas  
 Todos somos seres humanos, vivemos no mesmo lugar  
 Vamos nos unir como irmãos para um mundo novo  
 criar



**against racism**

**MATERIAL PRODUTIVO POR**



**W.U.A.L. Distribution**  
 Caixa Postal 12  
 Macedo - Guarulhos - SP  
 Cep 07111/970 - Brazil



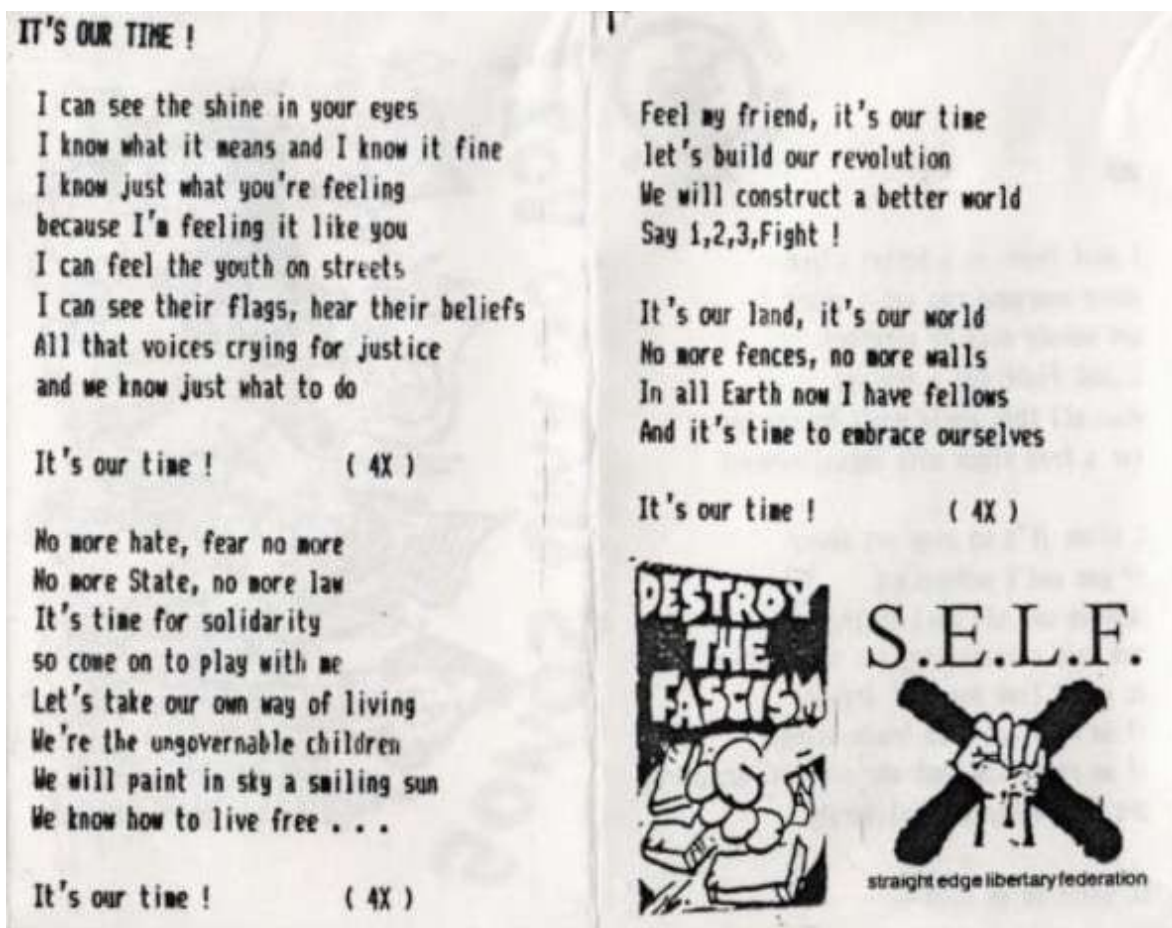
**Elephant Records**  
 Rua do Rosário, 200  
 Centro - Piracicaba - SP  
 Cep : 13400-180 - Brazil

**DMC Distribution**  
 P.O.Box 645  
 3808 Aveiro Codex  
 Portugal



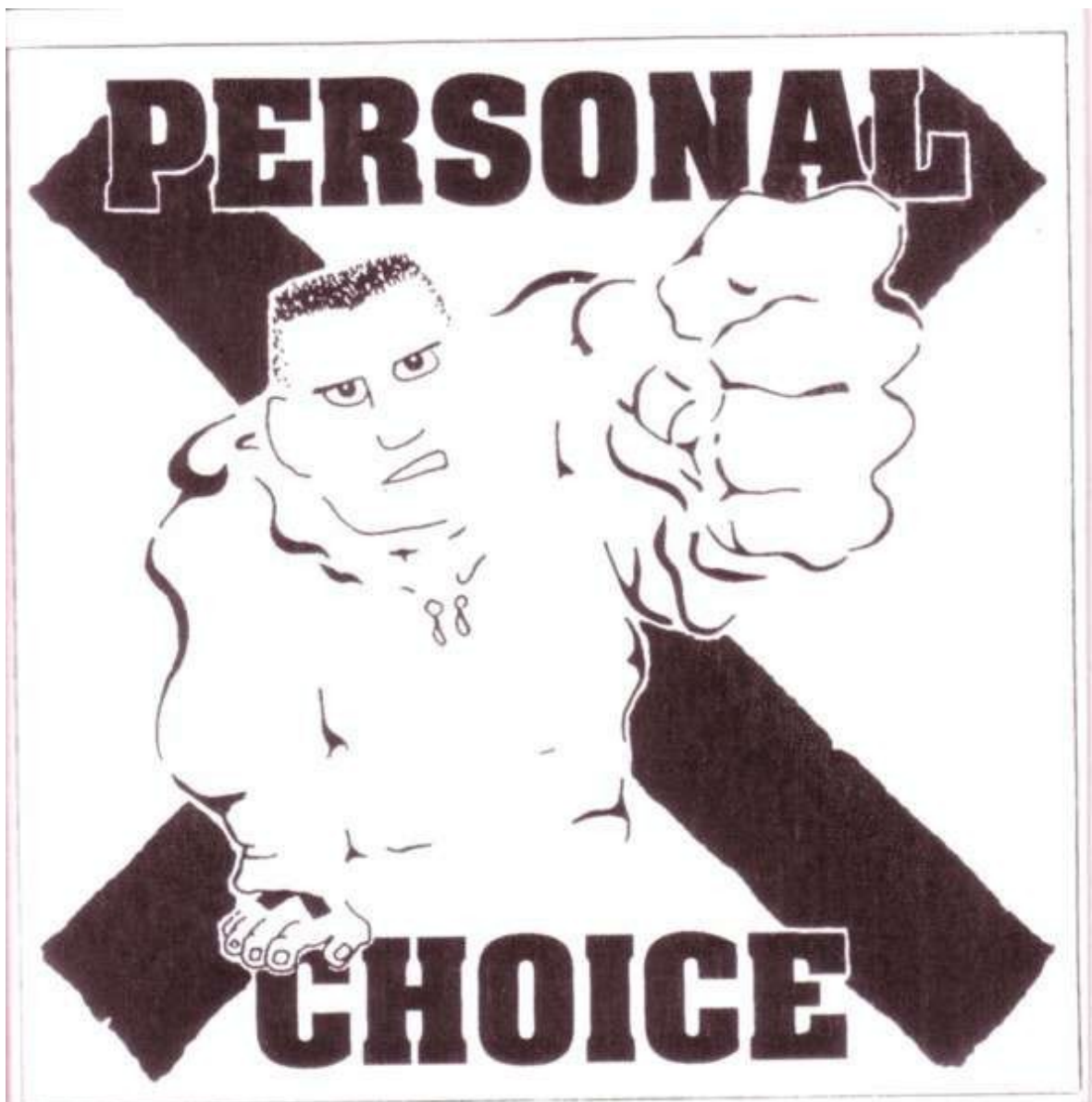

**TO FIND "PERSONAL CHOICE" WRITE**

ANEXO C – FIGURA 3





**ANEXO D – FIGURA 4**



ANEXO E – FIGURA 5

